

MFP – Movimento Feminino Popular

Texto 1

Recordando Renuka



Em casa e em nosso povoado, todos chamavam carinhosamente Renuka de “Chittamma”. Nasceu em 14 de outubro de 1970, filha única de Gumudavelly Somayya, seu pai e Jayamma (Yashoda), sua mãe, filha do meio entre dois irmãos. Como era a única menina na família, era amada profundamente. Todo o povo a adorava. Diferentemente de muitas outras meninas de sua geração, nunca esteve sobrecarregada com as tarefas domésticas nem à obrigação de aprender a cozinhar. Seus pais lhe deram espaço e liberdade, em sua maioria, desde cedo as restrições patriarcais não tiveram lugar em sua vida, ao menos dentro da família.

Magra e alta, Renuka foi, desde o início, uma estudante brilhante. Sendo nosso pai ser um professor, nossa família se mudou de um povoado ao outro com frequência. Estudou em escolas públicas em Kolkonda, Sitampuram, Kadavendi, Mothkur e Devaruppula, e finalmente completou seu ensino fundamental no Colégio de Jangaon.

Aos 14 anos de idade, enquanto se preparava para seus exames da 10ª série, Renuka adoeceu de tuberculose. Tinha febre persistente, porém os médicos não conseguiram diagnosticar a doença a tempo. Durante meses, não recebeu o tratamento adequado e sua saúde se deteriorou significativamente. Somente mais tarde quando o Dr. Kotilingam em Warangal identificou

corretamente sua condição, começou a recuperar-se. Porém o dano em seus pulmões já estava feito. Mesmo tendo recuperado sua saúde, a doença já havia danificado parte do tecido pulmonar, seus efeitos a acompanharam por toda sua vida. Não podia correr, nem caminhar rápido e se cansava rapidamente.

Durante o ensino médio, seu irmão mais velho se converteu em ativista por tempo integral. Depois que completou o ensino médio, a família se mudou de Kadavendi para Mothkur. Vendemos nossa casa em Kadavendi e construímos uma em Mothkur. Nesta época, nossa família decidiu casar a Renuka. Ela não estava pronta, seu coração estava determinado em continuar seus estudos, porém não pôde se opôr ao desejo de seu pai. Ele prometeu que poderia continuar seus estudos, inclusive depois do matrimônio – então ela relutantemente aceitou.

Porém em questão de meses, seu esposo começou a atormentá-la psicologicamente. Renuka, que havia a princípio suportado a dor em silêncio, finalmente a revelou quando a situação ficou insuportável. A família a apoiou e o matrimônio foi anulado. Encorajada por seus pais, retomou seus estudos. Seu sentido de liberdade voltou, e com ele, sua jornada verdadeiramente começou.

Completo sua graduação como candidata externa na Universidade de Osmania, e logo se apresentou para os exames de admissão tanto para o mestrado em telugu como para a carreira de direito. Obteve a admissão para o mestrado em telugu no Colégio de Mulheres Koti em Hyderabad e para a graduação em direito na Universidade Padmavati em Tirupati. Ainda que a distância fosse considerável, escolheu a carreira de direito e se mudou para Tirupati em 1992.

Renuka sempre foi uma ávida leitora e amante de literatura. Agora ela se submergiu ainda mais profundamente. Neste período, o movimento revolucionário em Kadavendi e em todo o norte de Telangana estava ganhando impulso. Renuka se inspirou nas lutas, contra o trabalho forçado, por melhores salários, por terras para os sem-terra e contra a violência contra as mulheres. Estas lutas moldaram profundamente sua visão de mundo.

Sua própria experiência marital dolorosa lhe deu uma compreensão aguda do patriarcado. Em torno desta mesma época, a literatura feminista começava a florescer em Andhra Pradesh. Renuka lia amplamente, porém também começou a fazer perguntas: Como abordam os comunistas, que trabalham por uma nova sociedade democrática e socialista, aos problemas das mulheres? Quão seriamente tratam a igualdade de gênero? Estas perguntas a acompanharam.

Por volta deste período que conheceu Padmakka, a organizadora do Partido em Tirupati. Uma tarde de 1992, sob recomendação do mártir Camarada Puli Anjanna, Padmakka foi visitar Renuka em sua pensão. Renuka não poderia imaginar que esta reunião mudaria o curso de sua vida para sempre. Padmakka respondeu pacientemente às suas perguntas e a exortou a unir-se ao movimento de mulheres local. Em 1994, Padmakka foi assassinada em um falso encontro. Renuka ficou devastada. Custou-lhe muito tempo aceitar essa perda.

Lentamente, Renuka começou a conciliar o estudo e o ativismo. Trabalhou com a organização Mahila Shakti e começou a escrever regularmente para sua publicação Mahila Margam. Continuou seus estudos enquanto participava do trabalho organizativo, e também começou a escrever pequenas histórias. Antes mesmo de se dirigir à Tirupati, enviou um conto à revista Nalupu. Porém a última página se perdeu, e a pequena história nunca foi publicada. Enquanto esteve em Tirupati, escreveu várias pequenas histórias e às compartilhou com amigos literatos que ofereceram comentários honestos e a ajudaram a melhorar o ofício.

Por volta de 1996, Renuka estava pronta para converter-se em profissional do Partido. O Partido a encorajou à ocupar-se com o trabalho de massas urbanas. Começou a trabalhar em problemas como mortes por dotes¹, assédio sexual e lutas diárias dos moradores de favelas. Liderou campanhas e esteve no conselho editorial da revista Mahila Margam, assegurando a sua publicação regular. Também tomou parte da Chaitanya Mahila Samakhya, um coletivo de organizações femininas.

Ao longo deste período, Renuka às vezes ia à floresta de Nallamala para reunir-se com a direção do Partido. Estava trabalhando sob a direção do mártir Camarada Lingamurthy (Krishnanna). Neste momento, Santosh era o Secretário estadual de Andhra Pradesh e membro do Comitê Central. Ainda que o nome ‘Santosh’ fosse familiar para os de Kadavendi, Renuka não o conhecia pessoalmente.

Foi Krishnanna e outro mártir Camarada RK quem sugeriram a ideia do matrimônio aos dois, em separado. Deram a oportunidade de conhecerem-se, falarem-se e pensarem na proposta. Com o tempo, o amor cresceu entre eles e se casaram. Porém como Santosh era um líder importante, e Renuka estava envolvida com o trabalho público de massas, o Partido aconselhou que o matrimônio se mantivesse em segredo. Somente a direção superior e alguns poucos camaradas próximos à Renuka sabiam.

Porém o tempo que estiveram juntos foi curto. Em 2 de dezembro de 1999, Santosh foi assassinado, junto com Nalla Adi Reddy e Sheelam Naresh, em um falso encontro. Renuka ficou destrozada. Como seu matrimônio mantinha-se em segredo, nem sequer pôde chorar abertamente. Frequentemente recordava como esses poucos anos haviam sido preciosos. Havia compartilhado interesses mútuos em livros, cinemas, histórias, e ideias revolucionárias. Os pensamentos de Santosh sobre suas histórias, suas sugestões, seu encorajamento, os guardavam consigo e frequentemente falava deles.

Depois disto, o trabalho de Renuka foi transferido para Visakhapatnam. Ali, praticou a advocacia enquanto continuava sua participação nas organizações de massas. Mobilizou mulheres pobres das favelas e se manteve ativa no trabalho literário sob direção do Camarada Kaumudi, o secretário do Comitê da cidade de Visakhapatnam. Kaumudi já era bem conhecido, um poeta revolucionário muito respeitado em círculos literários e ativistas. Suas reuniões frequentemente fluíam com poesia, política, risadas e reflexões – tanto como assuntos organizativos. Renuka sempre recordou esses dias com profundo carinho.

Porém ao final de 2003, Kaumudi também foi assassinado em um falso encontro. Com isso, a vida revolucionária aberta de Renuka chegou ao seu fim. A polícia estava à sua procura. Estava constantemente em fuga. Finalmente, com a ajuda de simpatizantes revolucionários comprometidos, foi transferida à Maharashtra, e logo entregue à liderança do Partido. Desde de então, foi para Odisha e assumiu o cargo da divisão de Bansadhara. Aprendeu rapidamente o idioma odia, e rapidamente, também começou a escrever nesse idioma.

Em 2005, escolheu Shakhamuri Apparao como seu companheiro de vida. Apesar de não se conhecerem pessoalmente, ambos ouviam falar, um do outro e tinham um grande respeito por suas trajetórias. Ambos haviam experimentado a dor de matrimônios anteriores. Seu novo vínculo se baseava em uma profunda compreensão. Porém suas responsabilidades os mantiveram separados a

1 “Mortes por dotes” se refere ao assassinato de mulheres pelos noivos, podendo haver a participação de seus familiares, devido à insatisfação na quantidade de bens fornecidos pela família da noiva nos dotes dos casamentos arranjados. Uma prática recorrente na Índia. [N.T.]

maior parte do tempo. Em março de 2010, chegou a notícia do martírio de Shakhamuri. Outro golpe. Outra dor para carregar. Porém nunca deixou que isso abalasse sua convicção revolucionária.

Seguiu escrevendo. Em 2006, o Partido lhe encarregou da responsabilidade editorial da revista Kranti. Com isso, seu trabalho se transferiu de Odisha para Dandakaranya, uma terra que se converteria em seu lar durante quase duas décadas. Permaneceu assim até a noite de 1º de abril de 2025, quando seu corpo, estendido imóvel em uma ambulância, ao largo de uma estrada tranquila que corre junto ao rio Indravati, cruzou o rio Godavari, e entrou na fronteira de Telangana. Foi uma viagem de regresso, através dos bosques, rios e caminhos que uma vez havia recorrido com força silenciosa e propósito inquebrantável. A terra a que havia dado sua vida, foi testemunha, uma vez mais, de sua passagem.

No tocante à sua obra literária, iniciada com Bhavukata, continuou escrevendo Metlameeda, Pravaham, Iddaru Tallullu, Amma Kosam, e quase quarenta pequenas estórias, a maioria sob o pseudônimo de ‘Midko’. Também escreveu alguns poemas com o nome de ‘Zameen’, e artigos de análise e livros utilizando o nome ‘BD Damayanti’. Em seus últimos anos, escreveu obras poderosas e evocadoras como Pachchani Batikulpai Nippai Kurustunna Rajyam, Mandutunna Gayalu, Vimukti Batlo Narayanapatna, e Dandakaranyalo Green Hunt, e assim sucessivamente.

Sua marca registrada foi um estilo de escrita clara, breve e direta, uma linguagem que comovia profundamente aos leitores, sem necessidade de rebuscamento ou exagero. Evitou conscientemente a escrita estereotipada e nunca se inclinou por frases de efeito, exatamente da forma como falava, onde nunca usaria uma palavra além do necessário, sua escrita carregava a mesma moderação e precisão. Falava pouco, observava com atenção, e quando algo parecia incorreto, nunca titubeava em levantar sua voz, sem temor e sem favoritismo. Havia uma força silenciosa na forma em que se relacionava com as pessoas, uma conduta afetuosa, livre de fingimento, que atraía muitos até ela.

Desde Mahila Margam até Viplavi, Viplava Patham, Kranti, Prabhat, Poru Mahila e Lademayena Mahila, contribuiu incansavelmente, como escritora, editora e líder. Apesar de sua frágil saúde, Renuka trabalhou com uma disciplina interior que assombrava aqueles a sua volta. Muitos recordam das horas que passou em frente ao seu computador, moldando cada oração, cada palavra, cada página, com intensidade silenciosa.

Inclusive em meio às suas responsabilidades políticas como membro do Comitê Zonal Especial de Dandakaranya, encontrou tempo para escrever cartas pessoais a seus camaradas. Estas cartas, cheias de discernimento, críticas fraternas e cordialmente sinceras, ainda são conservadas cuidadosamente por muitos. Inclusive aqueles que abandonaram o movimento as guardam com segurança. Esse é o tipo de marca que deixou em todos os que a conheceram.

Em 2014, quando seu irmão abandonou o movimento, Renuka se sentiu profundamente magoada. Se opôs ao seu retrocesso e escreveu aos seus pais com clareza inquebrantável: Nunca abandonaria o caminho revolucionário, não até seu último suspiro.

E nunca o fez.

Finalmente... como revolucionária comunista, escritora e editora, talvez nós, sua família, nunca possamos compreender plenamente a profundidade de suas conquistas. Talvez nunca entendamos todas elas. Porém a forma que cresceu, de maneira constante e com convicção, e a forma em que se manteve firme no que acreditava, a vida de Renuka sempre será uma fonte de orgulho para nós. Para colocar fim ao sofrimento da classe operária, para construir uma sociedade livre de exploração

e opressão, para colocar fim à violência e discriminação de gênero, para abolir a injustiça e os ataques baseados nas castas, para opor-se ao fundamentalismo religioso, estes eram seus sonhos. E agora, cumpri-los é nossa responsabilidade coletiva.

Sua imortalidade radica no caminho que traçou e nas vidas que tocou. Continuará nos inspirando; porque sua morte não foi um acontecimento ordinário. Como disse uma mãe em uma de suas histórias: *“Uma morte que se mantém alta como uma coluna, exatamente no meio do povoado”*.

Texto 2

Gumudavelly Renuka – Filha querida de Kadavendi, guerreira heroica do povo

Escrito por Bhavana, originalmente em telugu

A vida da Camarada Gumudavelly Renuka é um livro aberto. Sua trajetória revolucionária de três décadas e sua contribuição para a revolução podem ser consideradas maiores que a vida.

Suas três décadas de trabalho revolucionário são uma mensagem de libertação para as mulheres oprimidas. A Camarada Renuka foi uma revolucionária comunista inquebrantável e dedicada. Foi uma guerreira decidida que nunca temeu às dificuldades, os desafios e o sofrimento que são parte intrínseca da vida guerrilheira.

Também foi um soldado literário revolucionário das massas oprimidas. Foi uma escritora revolucionária maravilhosa, ensaísta, crítica e revisora literária. Foi editora de várias revistas revolucionárias. Introduziu importantes escritos hindus progressistas e democráticos aos leitores telugus através de suas traduções.

Foi uma democrata que sempre denunciou o chauvinismo masculino na sociedade patriarcal e lutou contra ele de maneira dedicada e consciente.

A Camarada Renuka foi como uma chama rubra que aprendeu as lições da revolução de maneira natural, como uma criança que bebe leite da mãe, nas zonas rurais dos distritos de Nalgonda e Warangal, que foram os locais de nascimento da histórica Luta Armada dos Camponeses de Telangana. Era originária da terra de Kadavendi, onde as massas lutaram heroicamente contra os latifundiários de Visnoor e onde o primeiro mártir, Doddi Komaraiah, derramou seu sangue.

O lugar de nascimento de Renuka, Kadavendi, deu a luz a muitos outros revolucionários. Quando pensamos em Kadavendi, o primeiro nome que nos vem à mente é Doddi Komaraiah; nas gerações que seguiram, estão Paindla Venkataramana e Arramreddy Santosh (Mahesh), e agora, Renuka, que levou este legado adiante com compromisso inquebrantável até o final.

A família de Renuka não foi somente uma dessas inúmeras famílias que aspiraram à revolução, senão uma que sacrificou sua querida filha pela revolução. Com o heroísmo de Renuka, Kadavendi tornou-se ainda mais Vermelha. Sua marcha fúnebre deixará não só uma marca inesquecível na história do povo de Kadavendi, senão que agregará também um novo capítulo depois do martírio do Camarada Santosh. Na história deste povo, ela é a primeira liderança feminina do Partido revolucionário que alcançou o martírio.

A Camarada Renuka foi assassinada em 31 de março de 2025 pela polícia, em outro falso encontro, no povoado de Belnar do distrito de Bijapur (área de Indravati). Seu corpo foi levado para Kadavendi por seus familiares e amigos. Nossas saudações revolucionárias aos milhares de amantes da revolução que, em 2 de abril, emprestaram seu ombro para levá-la em sua última viagem; aos milhares de simpatizantes revolucionários, escritores, artistas, intelectuais, ativistas sociais, jornalistas, ativistas de organizações de mulheres e àqueles companheiros de viagem que haviam caminhando e continuam caminhando junto com Renuka no movimento revolucionário, que participaram em sua marcha final; às pessoas dos povoados vizinhos que converteram o povoado em um mar de bandeiras vermelhas; e àqueles que caminharam na marcha com afeto por sua querida filha com muito amor em seus corações pelo movimento revolucionário e confiança inquebrantável na vitória da revolução.

Todos esses milhares que participaram na marcha fúnebre de Renuka sustentaram bandeiras vermelhas, cartazes e faixas que levaram ao ar com consignas como: *“Detenham a operação Kagar agora!”*, *“Detenham os falsos enfrentamentos!”*, *“Homenagem vermelha aos mártires!”*, *“Sigamos os nobres objetivos dos mártires!”*, *“Quando um guerreiro cai, milhares se levantarão!”*, e assim sucessivamente. A marcha foi acompanhada por rufos de tambor, canções revolucionárias e flamejantes bandeiras vermelhas. A dor coletiva, a angústia e a ira sentida por todos na marcha são compartilhados pelo Comitê Central do Partido Comunista da Índia (Maoista) em uma de suas declarações.

Também expressou condolências aos seus pais, irmãos, familiares e amigos. O vazio pela ausência de Renuka em suas vidas nunca poderá ser preenchido. Porém esperamos e confiamos que poderemos ver Renuka nas centenas de outras filhas e filhos que se mantêm firmes com a revolução, e que continuarão no campo revolucionário, oferecendo sua cooperação e permanecendo firmemente e ao lado das massas oprimidas.

Que o desafio ousado lançado pela mãe heroica de Renuka, Yashodamma, a Constituição indiana, inspire a todos nós, a mantermo-nos firmes e continuarmos a luta por uma sociedade onde tais mortes não tenham lugar.

Renuka escreveu sob vários pseudônimos. A maior parte de seu trabalho foi publicado em revistas telugu como Arunatara, Veekshanam e Mahila Margam. Quando estava em Dandakaranya, escreveu com o pseudônimo BD Damayanti e Midko, principalmente de forma individual, e alguns conjuntamente com outro escritor, Aman. Antes de que nos adentremos nos detalhes de sua larga trajetória revolucionária, vejamos as ideias revolucionárias que pôs em palavras através de seus escritos em vários momentos.

“Recordar o 8 de março não é uma festa nem uma celebração. É um compromisso de continuar a luta das mulheres que lutaram durante gerações. Se trata de passar essa luta às gerações futuras de uma maneira ainda mais inspiradora. As classes dominantes, que tentam proteger seu poder infringindo violência cruel com as mulheres, não estão qualificadas para falar sobre o 8 de março no empoderamento das mulheres. O 8 de março é uma oportunidade adequada para expormos e derrubar sua fachada contra a mulher”.

Escrito na ocasião dia 8 de março de 2012: *“Levantemos nossas vozes junto com as mulheres oprimidas de todo o país contra a violência estatal perpetrada contra as mulheres!”*

“Se esta guerra não se detém aqui e agora, nesta terra que é o lar das antigas sociedades humanas, que é o lar de uma grande cultura e tradição rebelde, se não levantamos nossas vozes fortemente e gritamos com toda nossa força que este ataque deve ser detido imediatamente, não poderemos preservar nosso país e sua riqueza natural. Esta não é somente uma questão da existência do povo sem nome adivasi da área de Maad; também é uma questão que concerne o futuro do nosso país”.

Do seu artigo escrito em 2012 para Veeekshanam com o nome de Chaite Madavi:
 “Ataque destruidor das forças armadas estatais na área de Maad”

“A demanda dos estudantes de incluir carne de boi no cardápio do restaurante universitário é na realidade muito pequena. É natural que as pessoas queiram proteger seu direito de comer a comida que gostem e esperem respeito pelos seus hábitos alimentares. Isto também se trata de autoestima. Porém ainda assim, se está travando uma grande luta e um importante conflito cultural sobre este simples tema. Nas áreas onde o movimento revolucionário é ativo, os hábitos alimentares das pessoas não só são protegidos, como também são tomados pelo movimento com orgulho. O movimento apoia às pessoas que se mantêm firmes por seus direitos. Desta maneira, protege sua autoestima. Isto só pode suceder levando a cabo uma luta ideológica contra o pensamento comunal de Hindutva e educando e elevando a consciência das pessoas”.

Escrito em 2012 com o nome de Midko, em solidariedade com os estudantes que lutavam pela inclusão de carne de boi no cardápio: “Como o movimento revolucionário preserva os hábitos alimentares das pessoas oprimida.”

“Uma unidade do exército indiano do tamanho de uma brigada que chegou com o pretexto de treinamento agora se estacionou na periferia da área de Maad. Ainda estão utilizando o treinamento como pretexto porque são conscientes da resistência das pessoas deste país, não é difícil entender que o exército veio aqui para desatar a guerra contra o povo... Hoje, as classes dominantes de nossa ‘Índia Independente’ estão enviando seu exército contra os mais pobres dos pobres, que vivem no coração do país, para implementar suas políticas neoliberais pró-corporativas sem obstáculos. Pode ser que o exército dos governantes brancos puderam suprimir a rebelião de Bhumkal no passado. Porém também é uma verdade histórica que os eventos na história nem sempre se repetem da mesma maneira.”

Coescrito por B.D. Damayanti com Aman em 2012, ‘O povo de Bastar marchando pelo caminho de Bhumkal’

Entre 2005 e 2007, tanto os governos federal e estadual, junto aos principais líderes militares e notórios líderes conhecidos por reprimir brutalmente os movimentos populares, desataram uma onda de terror branco em Dandakaranya em nome de Salwa Judum (caçada massiva). Durante esta campanha violenta, que se apresentou falsamente como um movimento pacífico, Renuka documentou cuidadosamente os ataques, a tortura e a brutalidade que enfrentaram as pessoas mais pobres e oprimidas em um livro, visitando as áreas afetadas ela mesma e falando diretamente com as pessoas. O Livro se chama ‘Pachani Batukulapai Nippai Kurustunna Rajyam’ (O Estado que lança fogo sobre vidas prósperas) e o escreveu utilizando o pseudônimo de B.D Damayanti.

Esta campanha assassina foi liderada pelo notório latifundiário tribal, político oportunista e ex-ministro da indústria do governo de Chhattisgarh, Mahendra Karma, quem atuou como o comandante em chefe de confiança para as classes dominantes opressivas. A escrita de Renuka,

baseada em suas visitas de campo e observações de primeira mão, detalhou as atrocidades de Salwa Judum de uma maneira que não foi superada por qualquer outra obra que saiu à luz.

Outro texto que saiu da caneta de Renuka em 2012 foi ‘Vimukti Batalo Narayanapatna’ (Narayanapatna no caminho da libertação) que deu forma escrita ao movimento popular que surgiu das florestas do distrito de Koraput em Odisha entre 2004 e 2010. As massas adivasis, que estavam desiludidas com a política vazia dos revisionistas modernos, romperam essas cadeias e avançaram através de suas lutas militantes e com o lema “terra para quem nela trabalha”. O livro de Renuka é uma breve introdução às experiências, lutas e sacrifícios de massas oprimidas que heroicamente recuperaram centenas de hectares de terra agrícola dos latifundiários.

A Camarada Renuka escreveu em muitas formas, desde pequenas estórias até ensaios, reflexões sobre as lutas populares, resenhas de livros e filmes, panfletos para diferentes ocasiões, esboços de vida de mártires, perfis de Camaradas no movimento e entrevistas. O Partido lhe deu a importante tarefa de documentar as experiências dos guerrilheiros do Batalhão Número 1 que ficaram feridos em várias batalhas desde sua formação em 2008. Estava muito ansiosa por completar esta tarefa. No entanto, devido a crescente intensidade dos ataques inimigos, não pôde encontrar a oportunidade de realizar os estudos de campo necessários para esta tarefa. Não é um exagero dizer que, sem contar aqueles que foram martirizados, quase todos os guerrilheiros deste batalhão haviam se ferido em uma batalha ou outra.

O espírito revolucionário em sua escrita, suas palavras forjadas através da luta de classes, sua forte crença nos valores democráticos e os ideais socialistas, e esforços no campo literário para refletir as dificuldades políticas, econômicas e sociais que enfrentam as pessoas, tudo isso pode converter se em material valioso para que futuros investigadores estudem e possivelmente convertam em um livro.

A Camarada Gumudavelly Renuka (54) passou cerca de três décadas de sua vida no caminho do movimento revolucionário. Nasceu no povoado de Kadavendi do antigo distrito de Warangal. Sua mãe é a Camarada Jayamma (Yashodamma), e seu pai é o Camarada Gumudavelly Somaiah. Renuka é a segunda de seus três filhos; Tem um irmão mais velho, e um irmão caçula. O Camarada Somaiah é um professor de escola aposentado. Seus pais são pensadores progressistas e o movimento revolucionário teve um profundo impacto em seus filhos. Sem contar a influência da luta armada de Telangana, o Camarada Somaiah se sentiu muito inspirado pelo movimento revolucionário que ganhou força de maneira constante no distrito de Warangal ao final da década de 1970. Não seria um exagero dizer que, exceto as classes opressoras e latifundiárias, quase nenhuma família neste povoado permaneceu intocada pelo movimento revolucionário, e a família do Camarada Somaiah foi uma delas.

A Camarada Renuka estudou até a 7ª série em seu próprio povoado Kadavendi. Completou sua 10ª série em Mothkur do distrito de Nalgonda, e logo continuou seu ensino fundamental em Jangaon. Depois de completar seu ensino fundamental, seus pais arranjaram seu matrimônio. Ainda tinha um forte desejo de continuar sua educação superior, não pôde se opor aos desejos de seu pai. No entanto, quando enfrentou opressão e humilhação nesse matrimônio, prontamente abandonou a relação tóxica e retomou seus estudos. Em 1992, obteve uma vaga no curso de direito na Universidade Padmavati em Tirupati. Depois da graduação, praticou a advocacia brevemente sob a orientação de um advogado sênior pró-povo.

A Camarada Renuka nasceu nas zonas rurais do distrito de Warangal, que era considerado um baluarte da revolução, e aprendeu sobre os movimentos revolucionários desde a infância, se pôs em contato direto com o então PCI (ML) [Guerra Popular] somente em 1992 em Tirupati. Neste momento, a atividade revolucionária popular e o mártir Camarada Padmakka estava encarregado das responsabilidades organizativas em Tirupati. Estava organizando estudantes, mulheres e empregados nesta cidade, especialmente guiando uma organização revolucionária de mulheres. Pouco depois de conhecer a Renuka, Padmakka a encorajou e a orientou para que trabalhasse nesta organização. A Camarada Renuka assumiu com gosto essa responsabilidade e se envolveu no trabalho revolucionário de organização de mulheres urbanas, estudantes e mulheres da classe operária.

Rapidamente se converteu em membro do Partido e logo em secretária da célula do Partido em Tirupati. Trabalhou nesta cidade até 1999. Já em 1998, o Partido a reconheceu como organizadora a nível Zonal. Devido a seu interesse pela literatura, sua paixão pela escrita, sua capacidade para estudar qualquer tema em profundidade e analisá-lo, e sua aguda perspectiva crítica, a Camarada Renuka foi incorporada ao conselho editorial da revista desta organização de mulheres.

Em 2000, a Camarada Renuka se mudou de Tirupati para Visakhapatnam segundo as orientações do Partido. Ali também, assumiu responsabilidades de organização local de mulheres e começou a implementar tarefas organizativas junto com os camaradas que já estavam trabalhando no local. Se converteu em parte do Comitê da cidade em Visakhapatnam.

A medida que levava a cabo de maneira ativa e criativa as responsabilidades que o Partido lhe delegou e trabalhava com compromisso, sua dedicação à política da luta de classes se fortaleceu. Ademais, sua sinceridade, disciplina, enfoque democrático para convencer a outros pacientemente, seu profundo estudo do marxismo e sua forte interesse político foram reconhecidos pelo Partido. Tendo em conta tudo isso, em 2003, o Partido a elevou a quadro distrital.

Quanto a sua vida pessoal, em 1997, Renuka se casou com o Camarada Arramreddy Santosh (Mahesh), que era secretário do Comitê estadual de Andhra Pradesh e membro do Comitê Central. Como Renuka estava trabalhando abertamente enquanto Santosh estava sob intensa vigilância estatal, o Partido decidiu que seu matrimônio deveria permanecer em segredo. Em 2 de dezembro de 1999, Mahesh foi assassinado pelo Estado, junto com Shyam e Murali, através de uma traição por um infiltrado. Seu martírio foi um grande choque para Renuka, que demorou um tempo para recuperasse desta dor.

Em 2003, enquanto Renuka trabalhava em Visakhapatnam, seus companheiros de Comitê, os Camaradas Kaumudi e Janardhan, foram capturados e assassinados em um falso encontro pela polícia. Por volta desta mesma época, uma emboscada do EGPL contra o então primeiro-ministro de Andhra Pradesh, N. Chandrababu Naidu, levada a cabo em Tirupati foi parcialmente exitosa. Pouco depois, se lançou uma grande perseguição de homens nos distritos de Rayalaseema e Coastal. Para aqueles que já estavam sob vigilância policial, o alcance do trabalho aberto se reduziu drasticamente. Ainda que Renuka não tinha nenhum vínculo direto ou físico com a emboscada, teve que ir para a clandestinidade e começar a trabalhar entre as massas em uma nova região.

Em sua vida revolucionária clandestina, a Camarada Renuka se mudou primeiro para a zona de Bansdhara, na fronteira entre Andhra e Odisha. Ali, se conectou rapidamente com o povo adivasi Kui que vivia no recanto da natureza. Trabalhou como membro do Comitê regional não tinha exposição prévia as tribos Kui, abraçou a região e o idioma Kui com a ajuda de outros camaradas.

Se deu conta de que entender a política de Odisha e explicar-lhe a sua gente local requereria aprender o idioma odia, fez um grande esforço para aprendê-lo também. Renuka sempre acreditava que os revolucionários só podiam se integrarem com as massas locais aprendendo seu idioma e costumes. Com este entendimento, onde quer que fosse, trabalhava duro para aprender o idioma local das massas e para entender e adaptar-se a seus costumes.

Enquanto trabalhava como DvCM da divisão de Bansdhara, a Camarada Renuka também assumiu a responsabilidade de servir como membro do sub comitê de mulheres da zona AOB, formado para estudar os problemas das mulheres e sugerir recomendações. Se esperava que estes comitês estudassem os problemas que enfrentavam as mulheres nos seguintes quatro campos e prestassem suas recomendações ao Partido para resolverem esses problemas: (1) os desafios políticos, organizativos e militares que enfrentavam as mulheres na vida guerrilheira, incluído os efeitos do domínio masculino e o patriarcado; (2) os problemas políticos e organizativos do Partido, junto com o impacto e as pressões que enfrentavam pelo domínio masculino nesse âmbito; (3) As dificuldades organizativas que enfrentavam as mulheres nas organizações de massas, novamente modeladas pelas atitudes patriarcais na sociedade; e (4) a opressão de diferentes camadas que experimentavam as mulheres da classe operária e todas as mulheres oprimidas na sociedade mais ampla, incluindo dentro da família, a tribo, a casta e o Estado, combinada com a dominação e discriminação masculina persistente. Ao mesmo tempo, se esperava que os comitês fortalecessem sua compreensão ideológica de que a sociedade patriarcal é a raiz de todos esses problemas. Como membro do sub Comitê, a Camarada Renuka trabalhou incansavelmente para estudar e abordar todas estas dimensões com profundo compromisso.

Apesar de ser nova nesta vida na floresta, vivendo entre guerrilheiros e entendendo a vida dos adivasis, fez o possível para entender os problemas de todos com profundo sentido de responsabilidade. Se envolveu em discussões com eles para encontrar resoluções a esses problemas e inculcar confiança neles mesmos. Por outro lado, levou estes problemas às discussões do Comitê do Partido, participou nas tomadas de decisões corretas e contribuiu para dar formas apropriadas de luta e estruturas organizativas.

A Camarada Renuka também assumiu a responsabilidade de servir como membro do conselho editorial da revista de mulheres ‘Viplavi’, que se publicava na zona AOB durante aqueles dias. A medida que o movimento revolucionário avançava, não somente aumentava a participação das mulheres, senão que também estava formando-se um movimento de mulheres militantes. Isto deu lugar a necessidade de uma revista dedicada às mulheres, uma plataforma para servir como organizadora, para ajudar a melhorar sua compreensão em vários campos sobre os desafios que enfrentavam devido à sociedade patriarcal e a dominação masculina. A Camarada Renuka, que sempre teve um profundo interesse na escrita, desempenhou um papel vital como parte do conselho editorial. Trabalhou duro para fazer que ‘Viplavi’ fosse criativa e atrativa para seus leitores. Junto a isto, também desempenhou um papel-chave na publicação de um livro de esboço da vida dos mártires mulheres da região AOB que deram suas vidas desde o início do movimento nesta região até esse ponto (1980-2005). Foi sua iniciativa que levou a convidar a uma veterana Camarada da geração anterior, uma mulher que viveu como se a revolução fosse sua respiração mesma, a escrever o prólogo do livro.

O Comitê estadual do Partido, considerando o potencial da Camarada Renuka, seus interesses e o tipo de tarefa que já estava levando a cabo na região, considerou que para utilizar seus serviços de

maneira mais ampla, efetiva e significativa, deveria ser transferida para a unidade de imprensa dirigida pelo Comitê Central. Respondendo positivamente a esta proposta feita pelo Comitê Estadual, o Birô Regional Central lhe indicou ao conselho editorial da revista ‘Krantí’.

‘Krantí’ costumava ser o órgão político oficial do Comitê Estadual do Partido em Andhra Pradesh e serviu como um farol para a revolução indiana na década de 1980. Entretanto, depois de que o movimento em Andhra Pradesh sofreu um revés temporário, a responsabilidade de ‘Krantí’ foi assumida pelo CRB, que continua dirigindo até hoje. A Camarada Renuka se converteu em parte do conselho editorial de ‘Krantí’ em 2006 e continuou nesse papel até 2012. Como parte desta responsabilidade, adentrou-se na floresta de Dandakaranya em princípios de 2006.

Este foi um momento crucial para o movimento revolucionário. Enquanto que o movimento nas três regiões de Andhra Pradesh (Telangana del Norte, Andhra Pradesh e AOB) estava enfrentando um revés temporal, em Dandakaranya, o fascista “Salwa Judum” havia desatado o terror branco sobre as massas adivasi, seguindo mais tarde pela “Operação Caçada Verde”². “Salwa Judum” dividiu muitas famílias adivasi verticalmente, criando um grande transtorno em suas vidas e convertendo povoados inteiros em cemitérios.

Em 2009, quando “Salwa Judum” foi derrotado através da resistência massiva, as classes dominantes opressivas da Índia lançaram outro ataque a nível nacional sob o nome de “Operação Caçada Verde”, intensificando ainda mais o ataque. Durante este período, centenas de organizações de massas progressistas, democráticas e revolucionárias, grupos de resistência adivasi, indivíduos preocupados, ativistas de direitos, escritores, artistas, intelectuais, jornalistas e forças de esquerda não somente condenaram este ataque como também o expuseram como uma “guerra contra o povo”. Nestas circunstâncias, a Camarada Renuka continuou seu trabalho sustentando a arma em uma mão e a caneta na outra, demonstrando ser uma brilhante soldado literária.

Durante aqueles dias, para realizar um estudo de campo do terror fascista desatado sobre o povo de Dandakaranya, especialmente nas regiões do sul e oeste de Bastar, a Camarada Renuka visitou vários povoados e se reuniu com centenas de famílias das vítimas, assumindo um grande risco pessoal. Escutou os sofrimentos indescritíveis e aterradores que brotavam dos profundos corações das massas. Não somente os escutou com profunda empatia como transformou sua angústia em palavras com sua poderosa caneta, produzindo um informe importante intitulado “Mandutunna Gaayaalu” (Feridas Ardentes).

Este estudo lhe custou um preço pessoal; experimentou um trauma emocional significativo ao escutar as experiências aterrorizantes compartilhadas pelas massas. Só pôde superá-lo canalizando sua dor em seus escritos. Em anos posteriores, cada vez que regressava a estes povoados e se reunia com as famílias, muitas das quais se unira ao movimento revolucionário, sempre lhes perguntava sobre suas experiências passadas daqueles tempos. Desenvolveu um vínculo profundo com a família de Emla Kovalu, o presidente de Janatana Sarkar do povoado de Mankeli na área de Gangalur, o primeiro mártir assassinado por Salwa Judum. A medida que sua esposa e filhos se uniram ao movimento mais tarde, Renuka falava com eles frequentemente, revivendo essas recordações emocionadamente, inclusive algumas vezes chorando.

2 Operação Caçada Verde: Operação militar desencadeada pelo governo indiano no final de 2009 para combater a Guerra Popular na Índia dirigida pelo PCI (Maoista). Enviaram vastas forças militares, de mais de 100 mil soldados e tropas paramilitares para as zonas adivasis, com a ajuda de alta tecnologia e uma extrema crueldade, perpetraram incêndios, assassinatos, pilhagens, tortura e violações de direitos humanos contra o povo indiano, o EGPL e o PCI (maoista). [N.T.]

Em um momento em que o movimento revolucionário estava experimentando um ataque sério, a Camarada Renuka também sofreu uma perda pessoal profunda. Em março de 2010, seu marido, o Camarada Shakhmuri Apparao, foi assassinado pelo Estado em outro falso encontro. Por ser uma pessoa de natureza profundamente sensível, respondeu emocionalmente às dificuldades e perdas que enfrentava tanto as massas como o Partido e o movimento revolucionário durante a “Operação Caçada Verde”. Naturalmente, levou muito tempo para aceitar a perda de seu marido, porém continuou seu trabalho revolucionário, esforçando-se por superar sua dor com o apoio de seus camaradas.

Até os últimos anos de sua participação com Kranti, propôs estudar o movimento popular em Narayanapatna, localizado na região de AOB. Quando apresentou a proposta, o Partido também sentiu que era oportuno e necessário. Confiando em que a Camarada Renuka a levaria a cabo com compromisso e diligência, o Birô Regional Central fez ajustes para sua viagem.

Após a derrota do movimento de Naxalbari na década de 1970, o movimento Lalgarh em Bengala Ocidental, que surgiu entre 2008 e 2011, atraiu a atenção nacional. Este movimento pioneiro em vários experimentos novos na prática revolucionária. Iniciado como uma luta contra as remoções, continuou desafiando o Estado com uma combinação de resistência legal e armada, tudo com o objetivo de estabelecer o poder popular. Paralelamente durante o mesmo período, milhares de adivasis Narayanapatna, Odisha, se levantaram para reivindicar suas terras aos latifundiários através das lutas militantes que ecoavam a histórica luta de Srikakulam de princípios da década de 1970.

Para estudar este levantamento, a Camarada Renuka se embarcou em uma viagem esgotante através de florestas e montanhas, cruzando múltiplos rios e cobrindo centenas de milhas a pé, acompanhada por camaradas guerrilheiros. Depois de quase dois meses de trabalho de campo, publicou suas descobertas em forma de livro intitulado “Vimukti Batalo Narayanapatna” (Narayanapatna – No caminho da libertação), sob o pseudônimo de B.D. Damayanti, em 2013.

Enquanto esteve na junta editorial de Kranti, a Camarada Renuka trabalhou diretamente sob a direção do membro do Comitê Central e mártir, Camarada Katakam Sudarshan (Anandanna / Dula Dada), e adquiriu uma experiência significativa. Mais tarde, depois de ser transferida para Dandakaranya, serviu a maior parte do tempo como responsável da unidade de imprensa sob a orientação de outro mártir, o Camarada Ravula Srinivas (Ramanna), secretário do DKSZC e também membro do Comitê Central.

Em 2013, devido a circunstâncias inevitáveis, a publicação de Kranti foi suspensa durante dois anos. Durante este período, a Camarada Renuka foi readmitida na junta editorial de Prabhat, uma revista trimestral. Como Prabhat se publicava em hindi como a revista oficial do Comitê Zonal Especial de Dandakaranya, assumiu o desafio de aprender hindi. Com o apoio da equipe editorial e principalmente através de seus próprios esforços persistentes, rapidamente chegou a um ponto em que podia escrever diretamente ensaios e informes em hindi.

Desde 2013 até o final de 2024, a Camarada Renuka trabalhou principalmente na unidade de imprensa de Dandakaranya. Ademais de dirigir as publicações, traduziu vários circulares do Partido, documentos, papéis internos do Partido de telugu ao hindi. Já sendo competente no idioma Koya, também traduziu literatura revolucionária chave para fazê-la acessível aos quadros locais.

Com frequência realizava visitas de campo para estudar as experiências das lutas populares, os desafios no trabalho organizativo de massa, os incidentes de violência e repressão estatais, e

diversas formas de violência doméstica e opressão habituais dentro da sociedade tribal. Relacionava regularmente com camaradas guerrilheiros locais para compreender suas dificuldades e preocupações. Durante as visitas de campo, também se relacionava com camaradas mulheres para recolher informações sobre suas experiências, especialmente àquelas arraigadas nas atitudes patriarcais e de dominação masculina. A Camarada Renuka era uma guerreira literária dedicada que transformava suas observações de campo em ensaios e informes analíticos, publicando-os em diversas revistas de acordo com o necessário.

A Camarada Renuka realizou um estudo especial sobre a questão da migração laboral na divisão Bastar Oriental. Seu estudo adquiriu importância depois de uma resolução aprovada em 2014 pelo Birô Regional Central sobre a questão dos trabalhadores que migram de Dandakaranya a várias partes do país. Escrever sobre os problemas que enfrentam os adivasis como trabalhadores migrantes nas cidades é um desafio para qualquer escritor. É impossível imaginar a exploração laboral, a violência sexual que enfrentam, especialmente as mulheres, e outras formas de enganações perpetradas contra elas, desde os contratos locais que organizam seus postos e até seus locais de trabalho nas cidades, a menos que se escute diretamente as próprias vítimas. Não se trata somente das pressões e intimidações dos empregadores, senão que também os casos nos quais as mulheres jovens tiveram que enfrentar a exploração sexual por parte de companheiros de vila que viajavam com elas para trabalhar. A Camarada Renuka escutou estes relatos em primeira mão e os documentou fielmente em um livro titulado “Pattanalaku Pravahistunna Adavi Biddala Chemata, Netturu (fluxo de suor e sangue de adivasis até as cidades) – Um estudo sobre a migração laboral desde as áreas florestais Chhattisgarh”, publicado sobre seu pseudônimo ‘Gamita’.

A Camarada Renuka era capacitada tanto para o ensino como para a escrita. Enquanto continuava com suas responsabilidades, dava aulas de política para guerrilheiros e quadros do Partido sempre que os Comitês a chamavam. Ademais de ensinar os documentos produzidos pelo Comitê Central do Partido, deu aulas para quadros locais sobre os fundamentos do marxismo, no idioma Koya. Simultaneamente, assistiu aulas de educação política, ministradas pelos Comitês superiores, para aprofundar sua compreensão da teoria marxista.

Em 2011, o Pleno do Partido de Dandakaranya avaliou que o movimento havia entrado em uma fase “crítica”. Esta avaliação resultou depois de perdas significativas durante a Operação Caçada Verde, um aumento brusco nas deserções, inclusive desde as fileiras da direção, e um crescente número se entregaram à polícia. Nesta situação adversa, o Partido lançou a Campanha de Bolchevização em 2013. Como parte desta campanha, a Camarada Renuka participou ativamente no programa de “estudo e análise social”, que continuou em diversas formas desde 2013 até 2018. Camaradas da direção prepararam estudos sobre as mudanças nas condições em diferentes divisões de Dandakaranya, e a Camarada Renuka participou nas discussões baseadas nestes artigos. Suas contribuições, tanto ao articular seus pontos de vista como ao responder às perguntas dos outros, foram sempre significativas e perspicazes e fizeram que outros no acampamento de estudo pensassem seriamente em diversos temas.

Durante este período, enquanto continuava seu trabalho na unidade de imprensa, a Camarada Renuka também capacitou vários dos novos camaradas no manuseio de computadores, desenvolvendo-os em datilógrafos e operadores capacitados. Em 2010, e ainda antes em algumas regiões, o movimento revolucionário indiano havia sofrido revezes em áreas urbanas e de campo. Como resultado, o Comitê Central do Partido já não estava em condições de enviar forças novas à

Dandakaranya desde fora. Enquanto isso, devido o movimento em Dandakaranya não se expandir para setores que não eram de camponeses, se isolou cada vez mais e se limitou somente as comunidades adivasis. No entanto, com centenas de novos recrutas unidos ao EGPL destes mesmos setores, surgiu uma necessidade urgente de capacitá-los como quadros capazes de manejar uma ampla gama de responsabilidades.

Nestas circunstâncias difíceis, a Camarada Renuka se responsabilizou na capacitação de um número de jovens homens e mulheres adivasis como datilógrafos e operadores de computador. Muitos deles haviam aprendido a ler e escrever somente depois de unirem se ao movimento, no entanto, sob sua orientação, se converteram em datilógrafos capacitados com um olhar preciso. Também os instruiu na digitalização de centenas de livros, e ajudou a vários camaradas a adquirir experiência valiosa em trabalhos de impressão e publicação.

Depois que se difundiu a notícia de que a Camarada Renuka (Chaite) havia sido assassinada, camaradas de todas as partes recordaram-na com carinho. Fizeram um juramento solene de continuar a luta com maior determinação, jurando cumprir os objetivos dos mártires.

No Pleno do Partido de Dandakaranya realizado em outubro de 2020, a Camarada Renuka foi eleita por unanimidade, junto com alguns outros, para o Comitê Zonal Especial de Dandakaranya (DKSZC). Como parte das tarefas formuladas pelo pleno, o DKSZC reativou o Subcomitê de Mulheres com o objetivo de revigorar o movimento de mulheres na zona de Dandakaranya. A Camarada Renuka se tornou membro ativo deste subcomitê e continuou nele até seu último suspiro. Levou adiante o legado da martir Camarada Uppuluri Nirmala (Narmada), quem dirigiu este Comitê durante mais tempo do que qualquer um, ganhou o amor e o respeito dos camaradas em todos os níveis, com total compromisso.

A Camarada Narmada também foi parte da primeira junta editorial de Prabhat, junto com outro mártir, o Camarada Aluri Bhujanga Rao (Peddanna). Durante um tempo, dirigiu a unidade de imprensa de Dandakaranya (DK) e contribuiu à literatura revolucionária sob pseudônimo “Nitya”. Conhecida pela modéstia e relações calorosas, a Camarada Renuka compartilhou um vínculo próximo com Narmada, assim como, com seu marido, o Camarada Rani Satyanarayana (Kiran Anna), quem anteriormente atuou como responsável da imprensa de DK. Mais tarde, foi atacado em um falso encontro, passou vários anos na prisão de Taloja em Mumbai e finalmente foi liberado sob fiança.

Desta maneira, Renuka viu de perto vários aspectos da prática revolucionária de Narmada e sustentou um profundo respeito por ela. Sua camaradagem e compromisso compartilhado com a causa se refletiram de numerosas maneiras ao longo de suas trajetórias revolucionárias individuais e coletivas.

Como a maioria dos membros do Subcomitê de mulheres eram de origem adivasi local, a Camarada Renuka desempenhou um papel ativo na preparação da ordem do dia, discutindo todos os pontos da ordem do dia de maneira integral durante as reuniões, selecionando ensaios adequados de professores marxistas para estudos coletivos durante as reuniões, registrando atas, redigindo resoluções e outros. Também selecionava e recomendava material de estudo adequado para os membros do Comitê com o fim de fortalecer o movimento de mulheres em Dandakaranya.

Depois de tornar se membro do subcomitê de mulheres, teve que trabalhar ainda mais duro para assegurar a publicação regular da revista em hindi Sangharshrat Mahila, o órgão oficial de

Krantikari adivasi Mahila Sangathan. Ademais, quando se decidiu que esta revista também deveria ser publicada no idioma Koya sob o nome Lademayena Mahila, a Camarada Renuka, mais uma vez desempenhou um papel-chave na implementação desta decisão. Era o tipo de Camarada que assumia integralmente sua responsabilidade, independentemente da tarefa a ela designada.

Com seu desaparecimento, o movimento de mulheres em Dandakaranya perdeu uma líder de confiança, fiel e querida. Sua ausência só pôde ser superada trabalhando incansavelmente à luz das lições que nos ensinou, guiados por seus ideais e objetivos, e continuando marchando adiante, inclusive em meio de ofensivas repressivas como a Operação Kagar, e àquelas que podem ser ainda mais graves.

Discutamos brevemente, também, a saúde da Camarada Renuka. Sem dúvida, havia um destacado contraste entre as condições de sua vida juvenil e às que enfrentou durante sua vida guerrilheira nas florestas. Enquanto esteve na área de Bansdhara, e mais tarde, depois de 2006, em Dandakaranya, foi frequentemente acometida por malária, incluindo vários episódios de malária falcíparum³. Os sintomas eram intensos. As vezes, sofria dores de cabeça tão graves que sentia que seus nervos estavam se partindo. Também suportou a espondilite crônica.

Entretanto, apesar de tudo isso, com um fuzil de 30 cartuchos ao ombro e vestida com um uniforme verde-oliva, marchava junto a seus camaradas guerrilheiros. Cada vez que se via esta mulher de constituição delgada subindo e descendo as colinas, as palavras de Lenin vinham a mente: “A certeza de que o caminho que escolhemos é correto intensifica o espírito e entusiasmo revolucionário cem vezes mais para criar maravilhas”.

Tendo abraçado a vida revolucionária em 1996, a Camarada Renuka suportou uma série de choques profundamente pessoais entre 1999 e 2014 que a deixaram emocionalmente abalada. Entretanto, com uma determinação inquebrantável e o apoio de seus camaradas, os superou. Apesar dos importantes desafios físicos devido a má saúde, a última década de sua trajetória revolucionária foi, sem dúvida, sua mais notável e produtiva, marcada por um compromisso incansável e um entusiasmo ilimitado.

As histórias escritas pela Camarada Renuka foram publicadas em Viyyukka, uma antologia editada por Virasam (RWA) em 2023. Logo que a Associação de Escritores Revolucionários anunciou a antologia, a Camarada Renuka foi uma das escritoras de Dandakaranya que respondeu de imediato ao anúncio. Depois de revisar cuidadosamente a lista de histórias, escreveu uma carta aos editores, marcando quais eram, e quais não eram as suas, apesar de estarem publicadas sob seu nome. Também identificou os verdadeiros autores de algumas histórias que reconheceu. Tragicamente a carta, escrita com a intenção de chegar aos editores de Viyyukka, resultou ser sua última.

É isto que escreveu a Camarada Renuka, com pesar, quando seu jovem Camarada do Comitê DKSZC, o Camarada Rupesh, foi martirizado:

“Sofremos muitas perdas em uma série de ataques inimigos. Porém até agora, não havia conseguido assestar a direção do CC e SZC. Desta vez, o inimigo o atingiu. Na situação atual do movimento de Gadchiroli, o martírio do Camarada Rupesh não é somente uma perda para essa região senão para todo o movimento de Dandakaranya. É trágico que tenhamos perdido a um

³ *Plasmodium falciparum* é um protozoário parasita que causa a malária em humanos. É a forma mais perigosa de malária, com os índices mais altos de complicações e mortalidade, causador de 80% de todas as infecções de malária e 90% das mortes pela enfermidade. A sua prevalência predomina na África subsariana, mais que em outras áreas do mundo. [N.T.]

camarada que possuía muitas capacidades, incluindo a capacidade militar, que era de confiança e tinha um compromisso profundamente arraigado com os valores revolucionários. Era um dos líderes jovens mais confiáveis, de princípios, inquebrantável e um homem de grandes ideais. A perda de um camarada local como ele afetará profundamente tanto ao quadro como ao povo. Era alguém que iria a qualquer lugar, se preciso, e assumiria qualquer tarefa revolucionária. Sua ausência pesará muito em nossas decisões táticas futuras. Como não sei muito sobre os demais que foram martirizados junto a ele, não posso dizer ainda como sua perda nos impactará”.

Inclusive em meio de uma série de ataques de Kagar, a Camarada Renuka continuou cumprindo suas responsabilidades com uma dedicação inquebrantável. Quando, em 16 de abril de 2024, a polícia matou 29 camaradas em um ataque brutal contra a unidade guerrilheira perto de Apatola-Kalpar de Bastar do Norte, ela estava próximo, levando afincos seus deveres. O massacre a abalou profundamente, não somente conhecia pessoalmente muitos dos mártires, senão que havia passado um tempo com eles há apenas alguns dias.

A polícia capturou alguns dos camaradas desarmados ainda vivos, os obrigou a carregar os corpos de seus companheiros de luta nos carros e logo os executou. A Camarada Renuka ficou devastada por esta crueldade e condenou o massacre com uma justa indignação. Trabalhou incansavelmente para comunicar os detalhes dos assassinatos ao mundo exterior.

De novo, em 14 de junho de 2024, a polícia lançou outro ataque contra uma unidade guerrilheira em Kodtamarka da área de Maad. A Camarada Renuka, que estava próxima, escapou por pouco. No transcurso da ofensiva militar de Kagar, desde janeiro até dezembro de 2024, documentou cuidadosamente os detalhes de cada mártir e os publicou no mundo exterior. Em agosto de 2024, compilou tudo isto em um livro, um testemunho duradouro de sua liderança e compromisso editorial que permaneceu gravado nos anais da história revolucionária de Dandakaranya.

Neste período, escreveu sobre a situação que enfrentava sua unidade sob a operação Kagar:

“Alguns de nossos membros adoecem com malária com frequência. Porém nem sequer temos comprimidos de cloroquina. Não sei o que fazer. Por favor, enviem-nos alguns medicamentos gerais se for possível. Meus próprios medicamentos, que deveria tomar regularmente, se esgotaram enquanto estava em Bastar do Norte. Escrevi aos camaradas de lá antes de regressar, e também escrevi de novo a outro Camarada depois de chegar aqui, porém os medicamentos não chegaram de nenhum dos dois lados. Na situação atual, pedir repetidamente medicamentos parece não entender a gravidade de suas próprias condições. Não é mesmo?”

Os ataques militares da Kagar não só estão perturbando a vida dos revolucionários como também estão devastando a vida do povo comum advasi. Os governantes deste país querem suas florestas. Querem que a economia da Índia cresça rapidamente até converter-se na terceira maior do mundo. Querem um ‘Viksit Bharat’⁴ para 2047 e fazer da Índia um refúgio para o capital estrangeiro.

Para conseguir tudo isto, necessitam saquear a enorme riqueza natural entranhada nas florestas, especialmente nas áreas onde o movimento revolucionário maoísta é forte. Para que isto aconteça, querem que o maoísmo seja aniquilado. Não querem maoístas nas florestas. Os maoístas urbanos, sendo ainda mais perigosos em sua opinião, também devem ser eliminados. Aos olhos do Estado, qualquer um que questione é maoísta. Ninguém deve ser perdoado.”

4 Viksit Bharat: em português, Desenvolvendo a Índia. Plano do reacionário governo federal da Índia de tornar o país uma nação desenvolvida até 2047, ano do centenário da independência formal da Índia do domínio inglês. [N.T.]

Este é o tipo de Estado que assassinou a Camarada Renuka em 31 de março de 2025, de uma maneira brutal. Entretanto, nenhum Kagar será o suficientemente poderoso para silenciar as consignas que ressoaram em Kadavendi, em meio de um mar de bandeiras vermelhas flamejantes. Estas consignas seguramente se converterão em uma força material.

Os massacres não terminaram com o assassinato da Camarada Renuka. Seu martírio não é nem o primeiro no grande movimento revolucionário na Índia, nem apesar de nossas mais profundas esperanças, será o último. Renuka segue uma chama inquebrantável no caminho da revolução democrática do povo indiano. Apesar de sofrer problemas de saúde, estava fazendo esforços, junto com outro Camarada de seu Comitê, para iniciar conversações de “paz” com o governo, esperando, ao menos, deter temporariamente os massacres desencadeados pelas classes dominantes. Foi enquanto estava nesta busca que foi assassinada.

Como o Camarada Cherukuri Rajkumar, o porta-voz do Partido, foi assassinado durante o governo do Congresso enquanto prosseguia conversações de paz mediadas por Swami Agnivesh, agora os fascistas de cor açafão assassinaram a Camarada Renuka em um enfrentamento similar. Seu sacrifício expõe uma vez mais a retórica vazia de paz e não violência propagada pelas classes dominantes. A arrastaram fora de seu refúgio e dispararam contra ela a sangue frio nas margens do rio Indravati.

Seu assassinato expõe o caráter selvagem do regime fascista hindu. Reafirma as verdades que a Camarada Renuka defendeu consistentemente em seus escritos, e destaca a grave ameaça que enfrenta o país por parte destas forças hindus. A verdadeira homenagem à Camarada Renuka consiste em levar adiante seus ideais e realizar os seus objetivos. Nenhuma quantidade de campanhas de Kagar ou mísseis poderá jamais extinguir o fogo do pensamento revolucionário que ela encarnava.

O martírio da Camarada Renuka é sem dúvida uma perda irreparável para o movimento revolucionário. Especialmente em um momento em que o Partido revolucionário reconheceu os grandes erros que ocorreram durante anos de prática prolongada e começou o processo de retificação, sua ausência deixa um vazio doloroso. Refletindo sobre a circular do Birô Político do Partido, ela ofereceu sua aguda observação desta maneira: *“Tomamos estas decisões demasiadamente tarde, depois do dano estar feito. Se não tardássemos estas decisões, teríamos feito uma grande diferença”*. Junto a isto, compartilhou numerosas críticas com a direção superior do Partido, os quais reconheceram que seus pontos de vista eram refletidos, necessários e dignos de implementação. Agora, é a responsabilidade do movimento revolucionário levar adiante este processo de reflexões sem a Camarada Renuka, uma camarada conhecida por sua determinação inquebrantável e suas capacidades excepcionais. Adiante, sigamos adiante e continuemos o trabalho que ela nos deixou.

Os escritos da Camarada Renuka ardam com a intensidade da experiência vivida e o propósito revolucionário. Não eram somente palavras, eram um chamado à ação, escrito com a mesma convicção que ela levou a cada campo de batalha, com um fuzil em uma mão e a caneta na outra. Seu martírio marca um capítulo na história do movimento revolucionário, que seguirá inspirando a gerações futuras. A força intelectual e clareza que cultivou através de anos de compromisso enriqueceram de maneira profunda e duradouras. Não era simplesmente uma sonhadora da revolução, era uma lutadora que dedicou sua vida para tornar realidade este sonho. Será recordada como a voz de um novo amanhecer.

Hoje é o aniversário de nossa Chittamma!

Escrito por Gumudavelly Somaiah, Jayamma, Prasad e Raju (familiares de Renuka), por ocasião de seu 55º aniversário de nascimento – publicado em telugu, 14/outubro/2025: <https://www.andhrajyothy.com/2025/editorial/remembering-renuka-midko-a-revolutionarys-silent-birthday-in-the-forests-1456236.html>



Hoje marca o 55º aniversário de nossa Chittamma, conhecida pelo mundo como Gumudavelly Renuka. Como já não está conosco em pessoa, talvez seja mais adequado considerá-lo como seu aniversário de nascimento a partir de agora. Passaram-se 22 anos desde que deixou nosso lar. Todo 14 de outubro, durante estes anos, nossa mãe cozinhava payasam⁵ para todos, e o dia passava em recordação, em tristeza, em orgulho.

Nos perguntamos, se estivesse viva, como teria celebrado seu aniversário em Dandakaranya, entre seus camaradas revolucionários? Não teria bolo para cortar, não teria festa, tais coisas não pertencem a vida de um revolucionário. Entretanto, como escritora, revolucionária e alguém profundamente amada por muitos, que faria realmente nossa Chittamma hoje?

Quem sabe se levantasse antes do amanhecer, antes de que a escuridão se desvanecesse, e sentaria um minuto em sua lona, que os guerrilheiros usam para tudo: dormir, sentar-se para ler, descansar as costas ou conversar. Em geral mede uns 1,83 metro de largura e 0,915 metro de comprimento.

Sentada ali, teria primeiro recordado sua mãe e seu pai, pensando, com uma mistura de tristeza e assombro, “*Já se passaram 22 anos desde que os vi pela última vez*”. Havia suspirado, recordando

5 Payasam: Prato doce tradicional do sul da Ásia. É como o “arroz-doce” no Brasil, feito com arroz ou trigo cozido com leite quente e açúcar e aromatizado com cardomomo, passas, açafraão, castanha de caju, pistache ou amêndoas. [N.T.]

que havia passado 11 anos desde que lhes escreveu pela última vez. Poderia doer seu coração, perguntando-se como estariam em sua velhice.

Teria recordado seus companheiros de vida, Santosh y Shakhamuri, ambos mártires, e refletido sobre como seu breve, tragicamente terminado companheirismo, preenchia sua vida de força e inspiração.

Se as circunstâncias o permitissem, banharia cedo esta manhã e escolheria a roupa mais limpa e ordenada de seu limitado guarda-roupa que levava em sua mochila. Teria ido à cozinha para ver o que preparavam seus camaradas para o café da manhã, e se haviam ingredientes para um prato que gostava. Se pudesse, participaria, independentemente se era seu turno de serviço, cozinhando algo que traria alegria a seus camaradas.

Entretanto, não falaria por que o dia era especial para ela. Se tivesse amigos próximos que a conhecessem bem, poderia compartilhar uma palavra silenciosa com eles. E se alguém notasse sua expressão insolitamente brilhante e lhe perguntasse em silêncio: *“O que está ocorrendo?”*, poderia simplesmente sorrir.

Suavemente, poderia dizer: *“Parece que hoje tenho 55 anos...”*, seu sorriso característico estendendo-se suavemente pelo seu rosto.

Seus camaradas também compartilhariam sua felicidade sem alvoroço, quem sabe com um aperto de mãos firme ou um abraço caloroso. Quem sabe alguém colocaria silenciosamente uma caneta nova ou um pequeno diário em suas mãos, ou lhe ofereceria um pedaço de biscoito, repartindo-o cuidadosamente.

Logo voltaria seus pensamentos ao trabalho do dia, às tarefas por diante, às que preferia, e quem sabe escolheria a primeira que gostasse. Ou sentaria lendo um livro querido, uma antologia de poemas, ou um texto antigo que havia escaneado e guardado em seu computador.

Talvez tentaria começar a estória e o ensaio que estava lutando para escrever durante muito tempo. Teria escutado sua canção favorita de Vimalakka, *“adivasi Aatmabandhuvu Edikellene...”*, pelo menos duas vezes neste dia.

Se visitasse um povoado neste dia e visse mães com filhos pequenos, carregaria um bebê em seus braços, sustentando-o próximo, beijando-o com ternura.

Não importa quão ocupada se mantivera, o dia traria de volta recordações intermináveis de Kadavendi, seu povoado natal, de sua infância, sua família, seus entes queridos. Kadavendi, Mothkur, Tirupati, Visakhapatnam, Bansadhara (Odisha), Bastar do Sul, Bastar Ocidental, Abujhmad... recordaria cada parada em sua trajetória de 55 anos.

Inclusive depois de 21 anos na floresta, poderia maravilhar-se de que ainda estivesse viva, somente com sua saúde modesta. Sorriria para si mesma, pensando: *“Aqueles que uma vez zombaram de mim em casa e no povoado, chamando-me de delicada e de coração mole, se surpreenderiam ao ver quão forte me tornei”*.

Como narradora, escritora e ativista, poderia revisar silenciosamente sua própria trajetória, sentindo um vestígio de orgulho pelo que logrou e o reconhecimento que ganhou. Um sorriso sutil apareceria em seus lábios, sem nem se dar conta.

Porém no momento seguinte, as dificuldades, as perdas, os desafios que enfrentou o movimento, a dor da separação, as lágrimas, o martírio de camaradas queridos, tudo passaria diante de seus olhos como uma cena de um filme, e esse sorriso desvaneceria. Seu rosto perderia seu brilho.

Depois de um longo dia esgotante, quando sua mente inquieta e seu corpo cansado finalmente buscassem descanso, deitaria em sua lona, quem sabe pensando uma vez mais em como começou sua trajetória e as voltas que teria dado.

Recordaria o primeiro romance que leu em Kadavendi, no sexto ano, “A Mãe”. Poderia sorrir de novo, recordando como, décadas mais tarde, o releu e escreveu um ensaio comemorativo quando este romance mundialmente famoso cumpriu cem anos.

Recordaria a reposta inesperada que receberam suas primeiras histórias, como Bhaavukata e Viddurapu Manishi, e as lutas internas que enfrentou ao entrar no círculo de escritores revolucionários. Enquanto crescia como revolucionária, também nutriu o narrador dentro dela, as vezes confusa, as vezes persistentemente terna em sua inocência.

Logo recordaria Santosh, seu primeiro companheiro de vida, que leu cada história que escreveu e as elogiou com calidez genuína, acariciando suas costas e dizendo: “*Camarada, encontrou sua voz como narradora*”. “*Prossiga*”.

Sorriria, recordando seu primeiro aperto de mãos nas florestas de Nallamala, e como, depois de regressar à sua casa em Tirupati, para conservar a sensação de seu toque, passou dois dias inteiros sem banhar-se, ela, que normalmente se banhava duas vezes ao dia. Inclusive comeu cuidadosamente, usando colheres para não sujar as mãos e ter que lavá-las, desfazendo tal sensação.

Recordando aqueles primeiros dias de amor na revolução, poderia enrubescer timidamente para si mesma. Poderia recordar sua última reunião, em 2 de agosto de 1999, na estação de ônibus de Kanchipuram, quando Santosh disse: “*Desta vez, pode ser que passe muito tempo para que voltemos a nos ver*”.

Nunca imaginaria que “muito tempo” significaria uma vida inteira. Nesse silêncio, seu coração chorou uma vez mais. Enquanto as lágrimas cálidas rolavam por suas bochechas, nasceria lentamente um sonho inquieto.